

39º Encontro Anual da Anpocs

SPG19

**Religiões e Juventudes: interfaces, complexidades e interseções de um campo em
expansão.**

**AMIGO DE FÉ:
ESTUDO SOBRE RELAÇÕES DE AMIZADE
ENTRE JOVENS PENTECOSTAIS NA BAIXADA
FLUMINENSE**

ALEXANDER MAGALHÃES

**Caxambu
Outubro de 2015**

Resumo:

O trabalho visa compreender sociologicamente como são construídas as relações de amizades entre jovens que se afiliam a igreja pentecostal Assembleia de Deus. A hipótese inicial é que, como uma forma de religiosidade congregacional, o pertencimento a igreja Assembleia de Deus é um fator relevante para a construção de amizades entre os jovens, uma vez que a mesma atua como espaço de convivência e influencia no campo de construção de valores, o que seria importante na elaboração de afinidades, fator que pressuponho seja relevante para o estabelecimento de uma amizade. Inicialmente, penso que devido a uma visão possivelmente sectária sobre a sociedade, tal pertencimento atua como um fator de diminuição do circuito de pessoas a serem eleitas como "amigo". Uma questão central do trabalho é a investigação acerca de que forma a identidade pentecostal é um fator para a construção das redes de amizades destes jovens. Investigo também como é elaborada e resignificada por estes jovens a dicotomia igreja x mundo e como isso se reflete no campo de suas amizades. Como metodologia utilizo entrevistas qualitativas, além da observação de cultos e demais atividades do grupo jovem.

Palavras chave: juventude, amizade, pentecostalismo.

*Adúlteros, vocês não sabem que a amizade com o mundo
é inimizade com Deus? Quem quer ser amigo do mundo
faz-se inimigo de Deus.*

Tiago 4:4

Introdução

Ao observar trajetórias de amigos e pessoas de minha proximidade, colegas de escola e outros campos de sociabilidade entre jovens, percebi que a religiosidade era um fator muito importante para definir caminhos que cada um tomava. Muitos daqueles que convivi na juventude buscaram casar e constituir família cedo, enquanto outros caminharam para a universidade e buscaram trajetórias aonde o projeto de família não vinha antes de uma realização individual. Percebi que o fator classe (ou camada) social não se aplicava como um determinante, pois basicamente todos tinham origem na mesma camada social. Entre meus círculos de amigos ou colegas, um fator que influenciou estas trajetórias foi à adesão individual ao protestantismo, em particular ao pentecostalismo. A partir desta observação, puramente intuitiva e desprovida de métodos, decidi investigar mais de perto como a fenômeno do pentecostalismo, que cada vez ganha mais destaque na discussão pública brasileira, pode influenciar trajetórias e projetos individuais.

A ideia deste texto é refletir e propor uma breve compreensão sobre como são construídas as amizades entre jovens evangélicos membros da Assembleia de Deus (doravante AD), a maior denominação evangélica do Brasil, a partir de um estudo de caso com um grupo de jovens assembleianos na baixada fluminense, no grande Rio de Janeiro. Uma questão aqui é a investigação acerca de que forma a identidade pentecostal é um fator para a construção das redes de amizades destes jovens. Investigo também como é elaborada e resignificada por estes jovens a dicotomia igreja x mundo e como isso se reflete no campo de suas amizades. O presente trabalho é fruto da pesquisa para a tese de doutorado do autor, que ainda está em curso. Portanto, ainda não é possível estabelecer-se conclusões mais elaboradas sobre os temas e objetivos propostos.

Metodologia

Partindo do ponto de vista que o ser humano é entendido como um mosaico de marcas sócio historicamente construído, faz-se necessária a adoção de um paradigma de pesquisa condizente com tais pressupostos. Isso posto, penso que a abordagem qualitativa é a mais adequada na coleta de dados e informações sobre os membros da AD, uma vez que permite ao pesquisador ter um acompanhamento mais minucioso sobre toda a rede de significados a serem interpretados, dando a chance de se confrontar estas informações, assim como apreender com mais profundidade como são construídas as redes de amizade dos grupos pesquisados e seus desdobramentos. A opção qualitativa se adéqua também à perspectiva *microscópica* do grupo a ser estudado, fato que certamente limita a possibilidade de generalização, mas como dito, amplia as chances do pesquisador em se aproximar de modo mais aprofundado das questões individuais, que são de suma importância para os propósitos da pesquisa. Assumindo a exemplaridade dos indivíduos a serem pesquisados, devemos ter como preocupação primordial apresentar claramente suas características, de tal forma que fique claro o porquê da escolha, assim como possibilitar a todos os que têm acesso à pesquisa tirar suas próprias conclusões, assim como sua possível aplicação em casos similares (PEIRANO, 1995: 58). Assim como Rezende (2002), não parto de um conceito fixo de amizade ou amigo, tomando as definições das pessoas estudadas como ponto de partida, ao entender que existem diferentes concepções acerca da amizade, sendo todas válidas para o estudo em questão. Desta forma, pretendo tomá-la como objeto de representações culturalmente elaboradas. Ciente que a presença do pesquisador pode interferir nas respostas obtidas pelas fontes de pesquisa reconhece-se que a melhor forma de combater este problema é incorporá-lo a pesquisa, o analisando um dado pertinente a ser utilizado, trabalhado e interpretado.

Foram realizadas incursões no campo, em sua maior parte na ADM, Igreja Evangélica Assembleia de Deus Meritiense (nome fictício), na cidade de São João de Meriti. A igreja conta com dezoito filiais, a maioria na baixada fluminense. Considero que, dentro do quadro da grande diversidade que AD possui no Brasil, este ministério¹, embora tenha mudado sua doutrina e seus costumes – assim como a grande maioria das igrejas pentecostais brasileiras, representa de forma adequada o campo mais tradicional

¹ A expressão nativa utilizada para se referir à um ministério é “campo”. Ministério no universo assembleiano é representado por um grupo de pastores, presbíteros e diáconos, que na década de 1940 visava funcionar como um polo único em cada cidade ou região, mas que aos poucos foi se fracionando. Cf CORREA, 2013.

da AD, pois mantém boa parte de sua estrutura administrativa e doutrinária nos moldes das tradições assembleianas. Completando 50 anos de emancipação em 2014 do outro ministério, ela está apenas no segundo pastor presidente de sua história. No contexto geral das ADs, a ADM é reconhecida na região como uma importante representante deste segmento e comumente mantém relações institucionais com outras igrejas tanto da baixada fluminense, seu contexto geográfico, quanto de outras grandes ADs do Rio de Janeiro, seu contexto institucional. É filiada a CGADB² desde sua fundação. Minhas principais incursões de campo foram entrevistas de profundidade com jovens e lideranças deste grupo, chamado “mocidade”, e acompanhamento de cultos públicos, os quais busquei acompanhar mais os cultos temáticos ligados aos jovens, onde as pregações e as músicas tinham como público-alvo este grupo.

Referenciais teóricos

Considero importante expor aqui de onde partem as concepções teóricas que orientam este trabalho e por isso farei uma breve – e espero nada cansativa – das principais ferramentas teóricas que uso para referenciar as breves análises deste trabalho. Dos sociólogos considerados clássicos – Marx, Durkheim e Weber – foi este último que mais dedicou esforço ao tema da religião, sendo que a maior parte dos sociólogos que se dedicam ao tema estão em diálogo com ele (MARIZ, 2003). Desta forma, meu ponto de partida também é a Sociologia da religião de Max Weber, especialmente sua noção de congregação, entendida como uma comunidade de fiéis associados de forma permanente, com objetivos de missão e salvação (WEBER, 2000), assim como suas contribuições acerca das diferentes atitudes de rejeição e ascetismo e sua tipologia de religiosidade congregacional. Desta forma entendo que a religiosidade congregacional possui certos atributos que lhe são peculiares e a partir daí oriento meu olhar. Assim, a comunidade religiosa que pesquiso pode ser entendida nos termos weberianos (tipos ideais) de ação comunitária permanente e participação dos leigos para sua manutenção e daí cria-se um sentido específico do qual parte meu olhar. A leitura de Weber nos permite perceber a existência de um dualismo da moral do “nosso grupo” e do grupo exterior, fundada na moral interna baseada na reciprocidade, na qual a ideia de salvação é muito importante e se coaduna diretamente na condução da vida dos membros e sua atitude para com o

² Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil.

mundo, e ao mesmo tempo uma tensão de levar a igreja ao mundo e não permitir que o mundo não dite as normas e as condutas internas da igreja e da vida de seus fiéis.

Outro referencial teórico que baliza as reflexões deste trabalho e olhar do pesquisador é a fenomenologia, especialmente a contribuição de Peter Berger. Como este autor, parto do princípio que “toda sociedade humana é empreendimento de construção do mundo. A religião ocupa um lugar destacado neste empreendimento” (BERGER, 1985: 15). Ou seja, as relações sociais que constroem e dão sentido àquilo que denominamos sociedade são fruto da própria atividade humana, sofrendo sempre reelaborações e reinterpretções desta atividade. E nesta complexa missão de dar sentido a existência em sociedade é que a religião ganha importância.

Ser jovem na baixada fluminense

A juventude pode ser compreendida como uma fase da vida de transição entre a infância e a vida adulta que conta com variáveis biológicas, emocionais e culturais e também por isso possui certas peculiaridades. Contudo, é preciso evitar certas idealizações e generalizações acerca deste grupo social, que pode agrupar sobre o mesmo nome pessoas de faixa etária semelhante que nada têm em comum (BOURDIEU, 1980). Desta forma cabe distinguir condição juvenil, “modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento ciclo da vida, que alcança uma abrangência social menor, referida a uma dimensão histórico-geracional” (ABRAMO, 2005) situação juvenil, que “diz respeito à maneira como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia etc. (ibidem) ”.

Todavia, os jovens são uma considerável força a ser acionada para a transformação social, embora possuam valores sociais ambivalentes, não tendo uma natureza reacionária ou conservadora (MANNHEIM, 1980). Já no contexto da pós-modernidade vivemos uma era de risco e o futuro é o campo das incertezas. Mas o jovem teria a capacidade de resignificar esta incerteza e não tomá-la como algo simplesmente ruim. (LECCARDI, 2005). Já Mariz argumenta que no contexto da subjetividade juvenil, existe uma propensão a atitudes heroicas e radicais assim como virtuosismos religiosos devido a uma menor prática da análise racional e pouco conhecimento prático. No caso da adesão religiosa, esse fato teria como consequência que o jovem tende a ter uma forte adesão religiosa – ou o seu reverso, a negação da religiosidade (MARIZ, 2005).

Desta forma, os trabalhos que formam o campo da confluência entre juventude e religião tendem a reproduzir as clivagens teóricas dos estudos de juventude, que salientam a noção de marco geracional e pluralidade da juventude (TAVARES; CAMURÇA, 2004). Regina Novaes foi a pioneira neste campo. Aponta algumas tendências no contexto do início do século XXI: uma forte disposição para o trânsito religioso e novas combinações sincréticas; o aumento de escolhas e sínteses individuais, no qual os vínculos formais perdem um pouco de importância; e uma menor transferência religiosa intergeracional (NOVAES, 2006). Desta forma, o estudo da religiosidade na juventude deve vir acompanhado de novas questões e problematizações. A primeira delas é tentar compreender o quanto da identidade evangélica é influenciado por este contexto de fluidez da pós-modernidade. Dados obtidos em *survey* realizado em Minas Gerais mostram que a juventude local assimila e conjuga os valores morais de sua família e de seu grupo religioso (TAVARES; CAMURÇA, 2006).

No caso específico do grupo estudado nesta pesquisa, as igrejas da Assembleia de Deus trabalham com uma noção de jovem particular e realizam trabalhos e atividades específicas. De uma forma geral, é considerado jovem a moça ou o rapaz a partir dos 14 anos de idade, que permanece solteiro. Alguns podem permanecer no grupo com idade superior a 20 anos, desde que ainda não tenham se casado. Em geral, os membros da Assembleia de Deus são estimulados a casar cedo, para evitar “tentações”, ou seja, manter relações sexuais antes do matrimônio. Desta forma, embora a noção de juventude possa ser definida a partir de uma faixa etária, inicialmente parto deste conceito nativo de juventude no âmbito desta pesquisa. Penso que a partir deste conceito específico de juventude é que se justificam e se colocam algumas questões. No caso dos adultos, provavelmente o circuito de possibilidades de arranjos de amizades é bem restrito à família e aos membros da igreja. Minha hipótese é que, provavelmente, eles não teriam muito tempo e relativamente menor interesse em fazer novos amigos, em comparação com os jovens, que possuem um circuito mais amplo, principalmente na escola, onde há uma convivência diária com pessoas de um perfil sociocultural um pouco mais variado do que no circuito família-igreja-trabalho dos adultos. Também é importante salientar que neste período os amigos têm papel mais importante para eles, que são solteiros.

O *locus* espacial deste estudo é a baixada fluminense. Esta região apresenta um dos maiores índices de adesão aos cultos evangélicos no Brasil (JACOB, 2006), configurando-se como uma região de grande importância para os estudos sobre o assunto.

Além disso, também é visível a grande quantidade de templos nas ruas da região, assim como a grande presença de músicas e símbolos típicos desta religiosidade nos espaços públicos da região. A Baixada Fluminense é uma região singular, que tem seus limites geográficos aumentados e diminuídos conforme o contexto e a conveniência (ALVES, 2003). Os municípios de Duque de Caxias, Nova Iguaçu, Belford Roxo e São João de Meriti são os maiores da região e tem representativo índice de membros da AD dentre seus habitantes (JACOB, 2006). Oficialmente, a Baixada Fluminense estaria inserida na região metropolitana do Rio de Janeiro, que conta com 21 municípios, segundo informações do CIDE, englobando várias sub-regiões, mas nenhuma nomeada oficialmente como Baixada Fluminense. A região começa a ser estudada mais objetivamente a partir da década de 1950 (ALVES, idem), precedida de análises de caráter nostálgico e triunfante. Enquanto uma região urbana com alta taxa populacional e baixos indicadores sociais, a Baixada Fluminense carrega consigo marcas estigmatizantes relacionadas à violência e pobreza, que embora sejam componentes sociais constitutivos, estão longe de explicar as dinâmicas sociais predominantes da região, que nos últimos anos, experimenta algumas transformações, nem todas negativas. O município de Duque de Caxias, por exemplo, em 2007 possuía o 8º PIB dentre os municípios brasileiros. A região vem recebendo continuamente investimentos industriais e incremento no setor de serviços, fatos que, por si só não são responsáveis por mudanças sociais significativas, mas indicam possibilidades concretas de que possam ocorrer mudanças neste panorama.

De acordo com os relatos colhidos até o momento, os jovens assembleianos não aproveitam muito os espaços e equipamentos de uso público da cidade, tampouco da região metropolitana. Muitos reclamam do aumento da violência, o que parece os estimular a buscar contato com os amigos em ambientes mais reclusos, como as próprias casas. Contudo, os locais públicos mais frequentados por eles são o shopping center da cidade e as lanchonetes dos bairros. Um programa comum entre os amigos é sair para lanchar depois dos cultos em algum local próximo da igreja.

Amizades como problema sociológico

No que diz respeito à temática da amizade, desconheço estudos que relacionem esta questão com os temas da juventude e pentecostalismo. O estudo coordenado por Fernandes (1994) aborda os evangélicos no que diz respeito a vários temas como nível de

instrução e renda, política, controle de natalidade, valores, entre outros, mas não há dados sobre amizade. Segundo Rezende (2002a), os estudos sobre a amizade são escassos na literatura das ciências Sociais contemporâneas. Existe o clássico estudo de Allan (1989) sobre a Sociologia da amizade, pioneiro neste campo. O estudo organizado por Bell & Coleman (1999) busca compreender como a amizade é pensada, desde os tradicionais laços de amizade baseados no parentesco e na proximidade até os relacionamentos moldados na flexibilidade das redes e movimentos globais, através de estudos de caso em várias sociedades, “ocidentais” ou não, a fim de entender as particularidades que envolvem a noção de amizade e os mecanismos nos quais ela está inserida.

Também segundo Rezende, o estudo das relações de amizade na tradição das Ciências Sociais do Brasil costuma enfatizar esta relação social em seu aspecto negativo. Neste sentido, o estudo da amizade na perspectiva da Antropologia causava alguns questionamentos enquanto sua validade como objeto de estudo, na medida em que outros problemas sociais, como desigualdade e violência, mostravam-se latentes na sociedade brasileira. Segundo a autora, na literatura internacional os estudos sociológicos e antropológicos da amizade poderiam dividir-se em dois grupos, enquanto seu recorte metodológico: os que partiam de uma predefinição de amizade para demonstrar como a relação social é afetada por outras variáveis sociológicas; e os que a tomavam como objeto de representações históricas e culturalmente elaboradas (REZENDE, 2002a: 21).

A autora problematiza a reflexão sobre sociabilidade e amizade no contexto urbano, ressaltando que por meio da noção de amizade pode-se visualizar a construção de vínculos que fornecem aos indivíduos um sentido de pertencimento e localização no mapa social da cidade. Desta forma, é colocado que a vida na metrópole é um componente importante da constituição dos próprios significados e práticas de amizade. Desta forma, são ressaltadas duas questões centrais para o estudo da amizade: o conceito de pessoa que orienta a relação com o outro e os diversos contextos sociais que colocam certas injunções para esta noção (REZENDE, 2009). Neste sentido, apreende-se que a amizade enquanto um objeto de estudo estaria relacionado a toda uma rede de sociabilidades, que envolve a escolha individual e afinidade (simbolizado pelo ditado popular “a família não se escolhe, os amigos sim”), uma noção de identidade, que será discutida adiante, e a construção social das noções de pessoa e indivíduo (DAMATTA, 1997). Assim, questões como tolerância, intimidade e afinidade são características importantes para a constituição de uma relação de amizade, que uma vez aprofundada, a compatibilidade torna-se mais

importante que a afinidade, assim como a manutenção de modos de comunicação semelhantes. Nos discursos analisados pela autora, aparecem gradações na profundidade da amizade:

Os termos “amigo” e “colega” eram amiúde polissêmicos: “amigo” podia ter um sentido geral, mas, em contraste com “colega”, significava o amigo próximo; “colega” podia ser aquele com quem se estudava ou trabalhava, quando não assumia um sentido mais vago, indicando apenas o contraste com o amigo. Até a categoria amizade tornava-se também relativa, pois ao mesmo tempo que se desdobrava em vários tipos de relação, era também identificada, quando pedíamos sua definição, com aquela existente entre amigos próximos, categoria em que se incluíam os “amigos mesmo”, “amigos de verdade” etc. (REZENDE, 2002a: 94). Esta diferenciação é comumente relatada no cotidiano e serve para reforçar o quanto a noção de amizade é um tanto fluída e submetida a contextos específicos, o que parece, em um primeiro momento, reforçar a hipótese de que identidade é um fator decisivo para a definição da construção de redes de amizade.

Breve apresentação do panorama evangélico brasileiro

O primeiro censo realizado no Brasil, em 1872, mesmo que se duvide de sua eficiência e veracidade, aponta uma tendência iria durar muito tempo em nossa História: a absoluta hegemonia do catolicismo enquanto religião praticada no país, uma vez que a fé católica era praticada, segundo esses dados, por nada menos que 99,7% da população. Embora não se reflita nos números populacionais, a presença protestante só começou a ser percebida de forma mais efetiva a partir da década de 1850, quando ocorre o primeiro impulso missionário – com a finalidade explícita de propagação desta religião, quando no Brasil são instaladas a Igreja Congregacional, a Presbiteriana, a Metodista, a Batista e a Episcopal (MENDONÇA, 1990:12).

Sobre a natureza do protestantismo brasileiro, não há consenso sobre uma questão importante: existe algo que se possa nomear como “protestantismo brasileiro”? O fenômeno protestante já foi visto como fruto de importação cultural norte-americana (inserir referência) parece que não tem grande aderência, ou encontra certas resistências, de ser digno de reconhecimento de sua brasilidade. O curioso é que este estranhamento é construído tanto por setores que negam este pertencimento por questões de desprezo teológico/cultural como por crítica a características de ser um elemento estranho ao

sincretismo tradicional que seria “típico” da sociedade brasileira, à moda do mito da democracia racial. Embora seja certo que as religiões universais, como são as protestantes, sempre assimilam ou mantêm traços das culturas locais, como me é permitido falar em catolicismo brasileiro, por exemplo, o protestantismo que chegou ao Brasil jamais se identificou com a cultura brasileira. (MENDONÇA, 2005:51).

No campo religioso brasileiro, a religiosidade evangélica é que mais cresce nos últimos anos, de acordo com os censos do IBGE. E dentro do campo evangélico, as igrejas pentecostais são a maioria, tanto no número de membros como da visibilidade pública.

Tabela 1 - Distribuição da população por grupos de religião – Brasil 1980/2010

Religião	1980	1991	2000	2010
Católica Romana	89,2	83,3	73,9	64,6
Evangélica	6,6	9	15,6	22,2
Evangélica pentecostal	3,2	5,6	10,6	13,3
Outras	3,1	3,6	3,2	5,2
Sem Religião	1,6	4,7	7,4	8

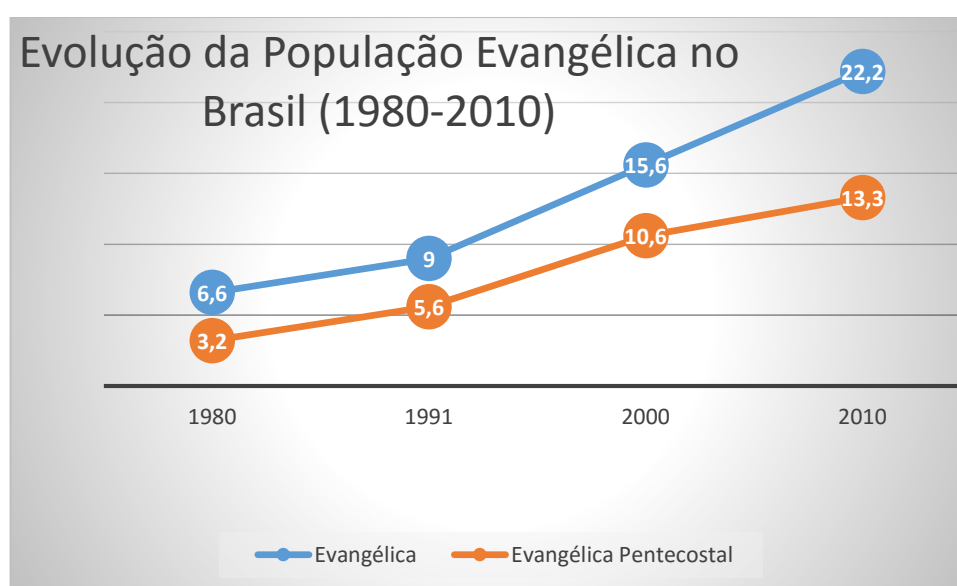
Fonte: IBGE 2010

As particularidades do pentecostalismo brasileiro

É muito utilizada na literatura sociológica brasileira a caracterização de três ondas da expansão pentecostal no Brasil proposta por Paul Freston (1994). Resumindo a ideia, as igrejas pentecostais tiveram sua expansão no Brasil a partir de três momentos históricos distintos e específicos. A primeira onda ocorreu na década de 1910, quando chegam ao Brasil a Congregação Cristã, em São Paulo, no ano de 1910, e ano seguinte chega ao Pará a Assembleia de Deus, fundada por dois missionários suecos, Daniel Berg e Gunnar Vingren. A segunda onda pentecostal ocorre na década de 1950 e no início da década seguinte, particularmente em São Paulo, marcada pelo surgimento das Igrejas do

Evangelho Quadrangular, Brasil para Cristo e Deus é Amor. A terceira onda pentecostal ocorre na segunda metade da década de 1970, e tem como palco principal o Rio de Janeiro, sendo suas principais igrejas a Igreja Universal do Reino de Deus, fundada por Edir Macedo em 1977, e a Igreja Internacional da Graça de Deus, fundada por Romildo Ribeiro Soares (cunhado de Macedo, mais conhecido por R.R. Soares) em 1980. Neste sentido, as denominações guardam diferenças marcantes no que diz respeito às suas características teológicas e rituais, cada uma típica de sua onda pentecostal. Notadamente, a terceira onda, que também é caracterizada pela alcunha de neopentecostalismo, tem mais destaque na mídia e nas produções acadêmicas do que suas congêneres mais antigas, fato que, em um primeiro momento pode ser visto como reflexo do rápido crescimento, tanto em número de fiéis e templos, quanto de poder econômico, político e midiático das igrejas da terceira onda pentecostal. Todavia, esta diferenciação é mais profunda, já que estas igrejas abandonaram antigos traços sectários e ascéticos, propuseram novos ritos e práticas, relaxaram costumes e comportamentos, e principalmente, associou sua doutrina a uma teologia que enfatiza o sucesso econômico – a chamada teologia da prosperidade – acomodando sua existência na sociedade contemporânea e na cultura do consumo (MARIANO, 1999: 8-9).

Tabela 2



Fonte: IBGE

Há consenso na literatura que o pentecostalismo atinge prioritariamente as camadas mais pobres da população (ROLIM, 1985); (MARIZ; GRACINO JR., 2013). Segundo a pesquisa “Novo Nascimento”, realizada pelo Instituto de Estudos da Religião (ISER) na região metropolitana do Rio de Janeiro em 1994, a maioria das pessoas que professam a fé pentecostal ganhava até 2 salários mínimos. Dentre as duas maiores denominações pentecostais, no que diz respeito ao número de seguidores, a Assembleia de Deus (AD) e a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) apresentaram os seguintes dados:

Tabela 3

	IURD	AD
Renda		
Até 2 S.M ³ .	63%	62%
De 2 a 5 S.M.	28%	30%
Mais de 5 S.M.	9%	8%
Escolaridade		
Até 4 anos	50%	42%
De 5 a 8 anos	35%	36%
9 anos ou mais	15%	23%

Fonte: Novo Nascimento – ISER apud FERNANDES et al, 1998:23.

Jacob (2006) identificam a existência de um “anel pentecostal”, que é caracterizado pela distribuição espacial da religiosidade no Rio de Janeiro, onde no centro estão os católicos brancos de alta renda e escolaridade, cercados, em um primeiro círculo, dos evangélicos tradicionais (principalmente evangélicos históricos), classe média de menor escolaridade e renda. Na borda maior, que compreende a zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, a Baixada Fluminense e o município de São Gonçalo, estão os maiores percentuais de pobreza, baixa escolaridade, de negros, e de fiéis pentecostais, com presença marcante da AD (JACOB et al, 2006). A pesquisa conclui que os anéis evangélicos são decorrentes do modelo de segregação urbana, associado à ausência do Estado.

³ Salários Mínimos.

Sobre a relação pobreza e pentecostalismo, Mariz (MARIZ, 1994), a partir de observações em regiões pobres das regiões metropolitanas do Recife e Rio de Janeiro, argumenta essa demanda religiosa ajuda o indivíduo a enfrentar a pobreza em nível micro, pois eleva a sua autoestima, facilitando o enfrentamento da pobreza (ibidem). Segundo este raciocínio, há uma profunda afinidade da prática religiosa e a experiência psicológica que resulta das necessidades e atividades materiais dos adeptos. Rejeitando tanto a perspectiva funcional quanto o determinismo econômico, a autora argumenta que tais necessidades não determinam a cultura religiosa dessas pessoas, mas que a ética pentecostal pode servir como inspiração de elaboração de estratégias para melhoria da vida financeira (por exemplo, estímulo ao trabalho e a poupança) e suporte psicológico contra problemas, como desintegração familiar e alcoolismo. Especialmente sobre a ascese e no campo dos costumes da AD – sua negação do mundo e de outros valores que levariam a baixar a autoestima do pobre ou aumentar seu consumo. Neste sentido, a atitude pentecostal se dá na desvalorização da continuidade entre a vida cotidiana e social pregressa do “crente” e as suas práticas religiosas, defendendo-se a ideia de rompimento, simbolizado pela expressão “novo nascimento”, caracterizado no momento da conversão. Não obstante, Birman, em pesquisa sobre evangélicos em comunidade e gestão do espaço público (BIRMAN, 2009: 171), reafirma a ideia de que os fiéis pentecostais são conclamados a rejeitar o mundo e tê-lo como lugar diabólico, fato que tem implicações importantes no objeto de análise da autora, visto que naquele locus investigado, há uma inversão na relação “crente” x comunidade, já que neste caso específico, a vila estudada tem sua lógica de funcionamento interno e seu relacionamento com o mundo institucional regido pelo ethos pentecostal, que tem como consequência que aqueles que não rejeitam o mundo acabam ficando a margem da comunidade. Este caso específico é muito interessante, já que nos permite analisar e refletir sobre esta questão da rejeição do mundo a partir de consequências sociais consolidadas e incorporadas como algo que perpassa os limites estritos da igreja, no qual a atitude perante o mundo e a construção das relações sociais é pautada pela identidade de ser “crente”.

A Igreja Evangélica Assembleia de Deus

A igreja Assembleia de Deus é a segunda igreja pentecostal mais antiga do Brasil, fundada em 1911 e segundo o censo do IBGE possui mais de 12 milhões de seguidores,

sendo a maior igreja evangélica do Brasil. Contudo, possui grande diversidade interna. A Igreja apresenta divisões verticais (Convenções) e horizontais (Ministérios). Ocorre que alguns ministérios se tornam grandes demais do ponto de vista do número de fiéis e poderio político-econômico e formam suas próprias Convenções. As Assembleias de Deus estão organizadas numa espécie de e árvore, na qual cada Ministério é constituído pela igreja-sede com suas respectivas filiadas, congregações e pontos de pregação (subcongregações). O sistema de administração é um misto entre o sistema episcopal e o sistema congregacional, por meio do qual os assuntos são previamente tratados pelo ministério, com forte influência da liderança pastoral, e depois são levados às assembleias para serem referendados. Atualmente, as principais convenções são a Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB), a primeira e ainda com maior número de afiliados, a Convenção Nacional das Assembleias de Deus no Brasil ministério de Madureira (CONAMAD), e a Assembleia de Deus Vitória em Cristo, que formalmente não é uma Convenção, mas atua de forma autônoma do ponto de vista doutrinário e administrativo.

Ao lado desta diversidade institucional interna, a AD também possui uma pluralidade interna que perpassa estas divisões formais inter-igrejas. Desta forma, a noção de assembleianismos permite que compreenda a presença de elementos identitários que são comuns, mas a refletem enquanto presentes dentro de uma igreja (ALENCAR, 2013). Desta forma, a presença desta formidável diversidade acompanha a lógica da própria pluralidade da sociedade brasileira, segundo o autor. Os assembleianismos – urbano, rural, difuso e autônomo – são tipos ideais que dão auxílio na tarefa de compreender tal diversidade. O assembleianismo rural é um tipo dominante nas primeiras décadas de existência das ADs e até hoje ainda se faz muito presente no *ethos* assembleiano. Já o assembleianismo urbano é marcado pela sua diversidade e multiplicidade, não assumindo automaticamente valores típicos dos centros urbanos. A ênfase no controle moral, tão importante e marcante no assembleianismo rural, é no contexto urbano mais deficiente. Por sua vez, o assembleianismo autônomo seria intrínseco ao próprio modelo pelo qual as ADs foram estabelecidas no Brasil, onde a ligação entre as igrejas é espiritual e não institucional. Por sua vez o assembleianismo o difuso é marcado por um controle de moralidades e características teológicas menores, sendo que o pertencimento às ADs dá-se mais nas expressões básicas dos crentes (“- Paz do senhor, irmão!”), hinários entre outras (ibidem).

As amizades e o mundo



Fonte: facebook.com/VastoMundo

Em praticamente todos os cultos que acompanhei e todas as entrevistas de profundidade e demais conversas mais demoradas que tive no campo, a questão do “mundo” aparecia. A mensagem para o jovem tomar cuidado com o mundo e suas tentações também é onipresente nos dados que colhi. Desta forma, penso que a noção dicotômica “mundo” x “igreja” é muito importante para o entendimento da identidade do pentecostal, em especial o assembleiano, na medida em que o indivíduo, na experiência de sua conversão “rejeita o mundo” e renasce para vida “nova”, e assume também uma nova identidade, forjada em valores como o asceticismo, o louvor e o orgulho de ser “crente”. Segundo Fernandes:

Os evangélicos no Brasil usam amiúde a distinção entre “igreja e mundo”. A igreja, como se disse do Cristo, está no mundo mais no é do mundo. (...) refere-se a ela, em termos sociológicos, à natureza dos vínculos que fundamentam a vida em sociedade. As “formas elementares” seriam caracterizadas por uma tensão irreduzível entre ordem e desordem, amor e ódio, vida e morte. Corrompidos pelo pecado, os laços humanos formam “o mundo” como encontramos ao nascer; lavados pelo sangue de Cristo, forma a “igreja”, expressão e testemunha de uma nova ordem de existência ainda por vir (FERNANDES, 1994: 173).

O que denomino neste trabalho como “mundo” é uma representação social de espaços, situações e interações que contrariam o que os crentes entendem por algo que os afasta dos caminhos do ‘senhor’, ou seja, da salvação de suas almas. Não trabalho com um conceito fechado de mundo, mas tento tomar o discurso nativo e a sua representação de mundo como verdade. Como algo interpretativo, esta noção pode variar entre contextos e interlocutores diferentes, mas em geral apresenta as mesmas características.

Segundo Weber, as principais diferenças entre as religiosidades soteriológicas predominantes no mundo oriental e no ocidental consistem em que a primeira termina essencialmente na contemplação, e a última, no ascetismo (WEBER, 2000). Assim, os ascetas procuravam participar nos processos do mundo, os místicos dispunham-se à possessão contemplativa do sagrado. A atitude religiosa ascética conduz o virtuoso a submeter seus impulsos naturais ao modo sistematizado de levar a vida, o que pode provocar uma reorientação da vida social da comunidade num sentido ético religioso, um domínio racional do universo. No caso que me interessa para fins da análise deste trabalho, o tipo ideal de ascetismo orientado para o mundo, no qual ele se torna uma obrigação, e a missão do crente, que se torna um reformador ou revolucionário racional, consiste em transformá-lo segundo os ideais ascéticos. (WEBER, 2000). As relações sociais e o mundo representariam tentação e prazeres sensuais eticamente irracionais. Weber salienta que o processo de racionalização que ocorre na organização da comunidade religiosa reflete-se em suas concepções de mundo e nas razões que são apresentadas para explicar aos fiéis por que alguns são mais afortunados do que outros - ou seja, o sofrimento individual visto como imerecido - e por que nem sempre são os homens bons, mas os maus, os que vencem (WEBER, 1982b). Como argumenta o sociólogo alemão, no caso do cristianismo, construiu-se sobre a figura de Jesus uma explicação racional para a história da humanidade, sendo o simbolismo da morte e a abstinência voluntária justificável por exercerem um papel específico na noção de salvação. Desta forma, toda necessidade de salvação é, para Weber, expressão de uma indigência e, por isso, a opressão econômica ou social é uma fonte eficiente, ainda que não exclusiva, de seu renascimento

O crente é ‘separado’

“Não é costume dos crentes na Assembleia de Deus o uso de pinturas, brincos, etc. Não somos retrógrados, [apenas] desejamos [nos conservar]

irrepreensíveis... Não danifique a Assembleia de Deus, ame-a ou deixe-a”. Pr. José Wellington Bezerra da Costa, Presidente da CGADB (Mensagem da Paz, fevereiro de 1991 apud FRESTON, 1994:76).

Nesta seção vou narrar brevemente alguns episódios que presenciei em cultos na observação participante na ADM e dados obtidos em entrevistas com jovens da mesma igreja, com objetivo de compreensão da representação do mundo entre os assembleianos do grupo pesquisado. Ainda são dados em análise e sem maiores sistematizações, mas que fornecem bons casos para se pensar.

Uma pregação importante que acompanhei tinha como tema “Dar alegria aos pais”. De todo modo, a forma de o jovem assembleiano de dar alegria aos pais consistia em combinar esforço individual em tarefas cotidianas como estudos e auxílio nos afazeres domésticos (este último aspecto mais enfatizado entre as moças, que deveriam desta forma ser vocacionadas para as atividades domésticas e familiares). Algumas dimensões do mundo aqui são valorizadas, especialmente a escola. Agradaria a Deus o esforço e bom desempenho nas atividades escolares, que embora seja do mundo, é vista como uma instituição de respeito pela comunidade assembleiana. Todavia, a postura e comportamento entendidos como mundanos neste espaço devem ser rejeitados. A escolha de amizades aqui é vista como fundamental. A ênfase é na defesa dos valores morais da igreja nos espaços mundanos, inclusive a escola. Aqui aparece um reforço da identidade assembleiana, marcada na crítica a atitudes, comportamentos e formas de vestimenta e aparência. “Crente não usa cabelo manga espada” foi uma frase que ouvi e que é boa para pensar esta demarcação de território identitário construído a partir da rejeição de símbolos da moda juvenil recorrente. Além disso, alguns tipos de peças de vestuário e uso de brincos, maquiagem e outros adereços são criticados. Em entrevista no primeiro semestre de 2012, ouvi de uma jovem que um dos motivos de sua saída da AD foi a crítica ao uso de maquiagem e escova no cabelo e que em sua nova denominação, também pentecostal, se sentia mais acolhida e poderia usar estes adereços sem embaraço.

A partir das entrevistas não estruturadas realizadas por mim para mapeamento das questões preliminares deste trabalho, aparece como outro tema recorrente nos círculos formais e informais é a escolha de amizades. O amigo – e também o namorado(a) – é aquele que deve ser escolhido com cuidado, por ter a capacidade de influenciar os caminhos dos jovens, tanto de maneira positiva quanto negativa. A crítica aqui mais uma

vez pode ser entendida no sentido de uma ética de comunidade, onde os valores apreciados são o da congregação. Um dos temas mais valorizados nas pregações pentecostais é a capacidade de transformação de uma vida mundana para uma existência tida como pura. Um pregador narrou uma história sintomática neste sentido: conheceu uma pessoa que era um cantor gospel de carreira promissora, de família criada na igreja (AD) e que por “influência” das amigas se desviou “dos caminhos do senhor” e caiu no “mundo”. De cantor, o personagem da pregação vira persona do mundo, cai nos “vícios”, se afasta dos amigos certos. Seu fim é trágico: o homem adere a uma vida criminosa e acaba por morrer.

Como já foi dito, uma das características das igrejas pentecostais em geral e da AD em particular é a ênfase na ação divina no mundo, não raro operando curas e milagres. No universo assembleiano, é muito comum também a manifestação de dons. Muitas pessoas têm dons: o dom da palavra, da música, da glossolalia (fala em línguas estranhas). Nos cultos, devido à proximidade com Deus, os dons se manifestam com mais frequência. Um argumento usado por alguns pastores desta proximidade é o fato do crente ser possuidor do dom da sensibilidade de entender a vontade de Deus. Deste fato também ganha centralidade o louvor, que deve ser feito sempre na prática do assembleiano. Estas características remetem a noção de liberdade, que no contexto pentecostal tem um sentido próprio (MARIZ, 2004). A “libertação” aqui é entendida com liberdade das forças identificadas como malignas através da proximidade com Deus, seguindo sua ética. Um exemplo comum da ação divina operando no mundo são as curas e os milagres, muito conhecidos na literatura e na imprensa.

Mundo: espaço em transformação

“E não vos conformeis a este mundo, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus.” Romanos 12:2

Com base nos dados já colhidos por mim em campo até o momento, há uma tendência no discurso pentecostal do universo estudado, que embora construa um discurso contra a noção de mundo, desenvolve a ideia que o caminho do sucesso do crente no mesmo mundo constrói-se com base na fé, conformação as normas e a palavra bíblica e no esforço individual. Parece que ainda aqui a argumentação clássica de Weber sobre a

ética protestante (WEBER, 2004), no qual um esforço metodizado e a valorização do trabalho são reconhecidos como atitudes virtuosas e que agradam a Deus tem paralelismo no universo assembleiano. Contudo, ainda é preciso que tal dado seja confirmado com as informações que serão colhidas na segunda parte do trabalho de campo, a ser feita. Contudo, como já afirmava Weber, não é a negação do mundo uma característica das religiões de salvação, e tampouco tal negação se aplica ao pentecostalismo assembleiano. O que deve ser salientado é que a distinção igreja x mundo é que se mostra um marcador importante para formação da identidade pentecostal. O mundo é entendido com um espaço social que deve ser conquistado e convertido. Para o assembleiano, a mensagem muitas vezes repetida, principalmente para os jovens é que o caminho do sucesso no mundo passa pela fé e pelo esforço individual.

Setores como a política, que em passado recente não era tema central nas discussões da igreja já tomam maior vulto. As Convenções e Ministérios mais recentes como a CONAMAD e o Ministério Vitória em Cristo tem se envolvido profundamente nas eleições. Neste sentido, confirmando uma tendência de maior conservadorismo doutrinário e desconfiança, a CGADB e suas igrejas afiliados são mais tímidas com o envolvimento em processos eleitorais, privilegiando debates de ordem mais moral e comportamental. Todavia, de acordo com informações que colhi em campo, nos últimos anos cada vez mais o tema da política entra nos corredores das igrejas, o que desagrada seus setores mais antigos e parece não cativar muito a juventude, que prefere discutir nas arenas de espaço público e – como não poderia deixar de ser, na internet – temas polêmicos ligados a minorias sexuais e de política de direitos reprodutivos.

O mundo é um espaço que é, ao mesmo tempo, negado e entendido com espaço de transformação. Um exemplo bom para se pensar é a internet. Entre os jovens, que é a população alvo de minha reflexão, a internet e em particular as redes sociais, é muito popular. Tradicionalmente ela seria vista, assim como a televisão, um espaço mundano, logo não digno de presença por parte do crente. Todavia, a maioria das igrejas tem um website, as atividades internas das mesmas são divulgadas entre os membros nas redes sociais. Também no interior destas redes é feito, principalmente pelos jovens, trabalhos de conscientização cristã para a comunidade interna e de evangelização para externos. Neste trabalho coloquei algumas figuras próprias destes domínios virtuais que ilustram discursos e representações que abordamos aqui. Os dados preliminares desta pesquisa obtidos nas entrevistas mostram que a escola é uma grande fonte de amizade entre os

jovens do universo pesquisado até então. Todavia, ainda é necessário um aprofundamento desses dados para que as estas questões sejam mais bem compreendidas, como por exemplo, o papel da internet e as redes sociais, praticamente universalizadas. Há uma tendência no discurso pentecostal do universo estudado, que embora construa um discurso contra a noção de mundo, desenvolve a ideia que o caminho do sucesso do crente no mesmo mundo constrói-se com base na fé, conformação as normas e a palavra bíblica e no esforço individual. Parece que ainda aqui a argumentação clássica de Weber sobre a ética protestante (WEBER, 2004), no qual um esforço metodizado e a valorização do trabalho são reconhecidos como atitudes virtuosas e que agradam a Deus tem paralelismo no universo assembleiano. Contudo, ainda é preciso que tal dado seja confirmado com as informações que serão colhidas na segunda parte do trabalho de campo, a ser feita. Contudo, como já afirmava Weber, não é a negação do mundo uma característica das religiões de salvação, e tampouco tal negação se aplica ao pentecostalismo assembleiano. O que deve ser salientado é que a distinção igreja x mundo é que se mostra um marcador importante para formação da identidade pentecostal. O “mundo” é um espaço que é, ao mesmo tempo, negado e entendido com espaço de transformação. Um exemplo bom para se pensar é a internet. Entre os jovens, que é a população alvo de minha reflexão, a internet e em particular as redes sociais, é muito popular. Tradicionalmente ela seria vista, assim como a televisão, um espaço mundano, logo não digno de presença por parte do crente. Todavia, a maioria das igrejas tem um *website*, as atividades internas das mesmas são divulgadas entre os membros nas redes sociais. Também no interior destas redes é feito, principalmente pelos jovens, trabalhos de conscientização cristã para a comunidade interna e de evangelização para externos.

Palavras finais

Como a pesquisa ainda está em andamento, ainda não se têm as respostas adequadas à maioria dos questionamentos que foram levantados nos objetivos deste trabalho. As amizades dos jovens assembleianos tendem a se restringir aos seus círculos de igreja e fé. Os melhores amigos em geral são também frequentadores de igrejas pentecostais e nos relatos esse compartilhamento da fé é uma variável importante da construção das afinidades. Isso é até mais comum que a família ser da mesma fé ou da mesma igreja. A identidade assembleiana parece ser decisiva no campo das amizades

destes jovens, que parecem incorporar bem o discurso geral que os amigos “podem afastar ou encaminhar os jovens dos caminhos de Deus”. Ainda nos resta investigar um pouco mais a fundo o porquê disso e os limites desta fórmula. Também ainda nos resta examinar mais perto outras influências dessas amizades e as reelaborações que os jovens fazem a partir do discurso geral que a AD faz a eles. A título de conclusão provisória, penso que um longo caminho de pesquisa e análise se mostra desenhada no horizonte no campo da Sociologia do pentecostalismo. A visibilidade que os grupos evangélicos, especialmente os pentecostais e neopentecostais, ganham na sociedade brasileira e em particular na região metropolitana do Rio de Janeiro pavimentam ainda mais esta estrada, que se mostra longa e profícua para a análise científica.

Referências bibliográficas

ABRAMO, Helena. *Condição juvenil no Brasil contemporâneo*. In ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro. *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2005.

ABRAMOVAY, Mirian. et al. *Juventudes: outros olhares sobre a diversidade*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; UNESCO, 2007.

ALENCAR, Gedeon Freire. *Matriz Pentecostal Brasileira: Assembleias de Deus 1911-2011*. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2013.

ALLAN, Graham. *Friendship: Developing a Sociological Perspective*. Boulder/San Francisco: Westview Press. 1989.

ALVES, José C. *Os barões do extermínio: uma história da violência na baixada fluminense*. Duque de Caxias: APPH, CLIO, 2003.

BELL, Sandra & COLEMAN, Simon (orgs.). *The Anthropology of Friendship*. Oxford: Berg. 1999.

BERGER, Peter. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1985.

BIRMAN, Patrícia. *Memória, política e gestão religiosa do espaço: evangélicos em comunidade*, in MAFRA, Clara & ALMEIDA, Ronaldo (orgs.). *Religiões e cidades: Rio de Janeiro e São Paulo*. São Paulo: Terceiro nome, 2009.

BOURDIEU, Pierre. *Questions de Sociologie*. Paris, Les Éditions de Minuit, 1980.

- CORREA, Marina. *Assembleia de Deus: ministérios, carisma e exercício de poder*. São Paulo: Fonte editorial, 2013.
- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- FERNANDES, Rubem César. *Governo das almas: as denominações evangélicas no Grande Rio*, in ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- FERNANDES, Rubem César et al. *Novo Nascimento: os evangélicos em casa, na igreja e na política*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.
- FRESTON, Paul. *Breve história do pentecostalismo brasileiro*, in ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- JACOB, César et al. *Religião e sociedade em capitais brasileiras*. Rio de Janeiro: Editora da PUC-RJ; São Paulo: Loyola; Brasília, CNBB, 2006.
- LECCARDI, Carmen. *Para um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo*. Tempo social, São Paulo, v. 17, n. 2, nov. 2005.
- MANNHEIM, Karl. *Diagnóstico do nosso tempo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: os pentecostais estão mudando*. São Paulo: Loyola, 1999.
- MARIZ, Cecília. *Coping with poverty: Pentecostals and Christians base communities in Brazil*. Philadelphia: Temple University, 1994.
- _____. *Libertação e ética. Uma análise do discurso de pentecostais que se recuperam do alcoolismo*, in ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994a.
- _____. *“Embriagados no Espírito Santo”: reflexões sobre a experiência pentecostal e o alcoolismo*. Antropolítica (UFF), Niterói, n. 15, p. 61-80. 2004.
- _____. *A Sociologia da religião de Max Weber*, in TEIXEIRA, F. *Sociologia da Religião: enfoques teóricos*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- _____. *Comunidade de vida no Espírito: juventude e religião*. Tempo Social, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 253-274. 2005.

- MARIZ, Cecília; GRACINO JR. *As Igrejas pentecostais no censo de 2010*. In TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. *Religiões em movimento: o Censo de 2010*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- MAUGER, Gérard. *Juventude: idades da vida e gerações*. Dados, Rio de Janeiro, v. 56, n.1, 2013. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011- Acessos em 30 jan. 2014.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa; FILHO, Prócoro Velasques. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1990.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. *Revista USP*, São Paulo, nº 67. 2005: 48-67.
- NOVAES, Regina. *Os jovens, os ventos secularizantes e o espírito do tempo*. In: TEIXEIRA Faustino; MENEZES, Renata. (Org.). *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- PEIRANO, Mariza. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- REZENDE, Cláudia B. *Os significados da amizade: duas visões de pessoa e sociedade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002a.
- _____. *Mágoas de amizade: um ensaio em antropologia das emoções*. Mana, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, out. 2002b.
- _____. *Amizades em meio urbano: experiências de pesquisa*, in CARNEIRO, Sandra; SANT'ANNA, Maria J. Gabriel (Org.). *Cidade: Olhares e Trajetórias*. Rio de Janeiro: Faperj/Garamond, 2009.
- SANCHIS, Pierre. *O repto pentecostal a cultura católico-brasileira*, in ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- TARRANT, Mark. *Adolescent peer groups and social identity*. Social Development, 11, 110-123, 2002.
- TAVARES, Fátima; CAMURÇA, Marcelo. *Juventudes e religião no Brasil: uma revisão bibliográfica*. Numen: Revista de estudos e pesquisa da religião. V. 7, n. 1 2004.
- _____. *Religião, família e imaginário entre a juventude de Minas Gerais*. IN Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre, ano 8, n. 8, p. 99-119, 2006.

VALLE, Rogério. & SARTI, Ingrid. *O risco das comparações apressadas*, in ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade: fundamentos da Sociologia compreensiva*. Volume 1. Brasília: Editora UNB, 2000 [1920].

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.